

MARIA DO SANTÍSSIMO

— uma pintora popular

iaperi araujo



1960 - 1961

MARIA DO
SANTÍSSIMO

— uma pintura popular

CADERNOS DE CULTURA - **1**

EDITORA CULTURA
RUA MARQUÊS DE SÃO CARLOS, 131
CASA 13 - JARDIM SÃO CARLOS - SÃO PAULO

iaperi araujo

MARIA DO
SANTÍSSIMO

— uma pintora popular

Natal, 1966

PLANO CULTURAL

PREFEITO AGNELO ALVES



Quis o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da cidade do Natal, no plano Cultural do Prefeito AGNELO ALVES, que realizássemos êsse trabalho sôbre a pintora popular Maria Antonia do Santissimo.

Convivemos com ela, desde que nascemos. Seu cotidiano era o nosso, na mesma terra. Em sua casa, nunca falta um “docinho-de-côco” para nós, ou uma espiga-de-milho-verde no mês de São João. Ela nos cativa com sua bondade e humildade. Admiradores de sua arte, de que tanto ouvimos falar, tentamos encontrar um trabalho seu, mas o tempo era cego em suas mãos. Um dia quis novamente pintar e quase que vimos renascer de suas mãos já trêmulas, os galos coloridos, os cajueiros exuberantes e os roseirais carregados de flores.

Pedimos licença à sua simplicidade e à sua modestia, para levar à cidade tôda a pureza de sua arte primitiva e ingênua, mas ao mesmo tempo bela e rica de imagens do povo, de que ela é pródiga e se faz porta-voz.

9

o Departamento de Cultura da Secretaria de
Educação e Cultura da cidade de Natal, no qual
no Cultural do Professor ADELDO ALVES, que realiza
sessões essas reuniões sobre a história regional
Maria Antônia do Brasil.

Conhecemos bem ela, desde que nascemos. São
edificadas em o novo na mesma terra. Em sua
essa nunca falta um "doce-do-doce" para nos
ou uma espécie de rito verde no mês de São João.
Ela nos ensina com sua bondade e hospitalidade. As
narrativas de sua vida de que tanto ouvimos falar,
tentamos encontrar um trabalho sem, mas o tempo
se esgota em suas mãos. Um dia que nos encontramos
aístar e quase que vimos renascer de suas mãos
de trabalho, os olhos coloridos, os cabelos escuros.
Tudo é de rosas, os cabelos carregados de flores.
Pedras brancas e sua simplicidade e a sua mo-
destia para fazer à cidade toda a parte de sua vida
humana e regional, mas no mesmo tempo pela e
na de trabalho do povo de que ela é grãfia e se
na portava.

Maria Antônia do Santíssimo nasceu num dia 21 do mês de dezembro, de 1890, em São Vicente, Seridó, interior do Rio Grande do Norte, numa quase Véspera de Natal. De lá pra cá, 75 anos enfileirados (dentro dos 76) e bem vividos marcam sua vida e seu trabalho.

É a única pintora popular primitiva do Rio Grande do Norte. Sempre viveu em São Vicente (logo depois de Currais Novos, 210 quilômetros de Natal) de onde nunca saiu, a não ser, nos idos de 30, prá visitar a capital. Viu os bondes, a iluminação de gás e voltou. Desde então, nunca mais se ausentou da terra.

Começou a pintar aos 9 anos de idade e logo tornou-se pintora popular. Com o tempo, veio a fama. O hisópe (espécie de pincel, feito de palíto de coqueiro, com uma das extremidades esmagada), era seu pincel; a anilina, vária em côr, sua tinta; o papel utilizado era o simples e corriqueiro papel de embrulho ou o pautado. Logo, seus galos coloridos e seus roseirais passaram a fazer parte do "metier" cotidiano dos sertões, pregados nas tampas dos vidros baús de pregaria, no interior dos oratórios ou a enfeitar as paredes das camarinhas dos coronéis da região.

Casou cêdo, como tôda môça do Seridó, com um homem da mesma terra. Seu marido fêz fortuna com suas pinturas, fixadas no papel, juntas em carga, colocadas em burros e vendidas pelas fazendas e cidades do interior, até a Várzea do Açú, a 2 vinténs cada.

Os afazeres da casa, aos poucos foram absorvendo suas figuras. Depois, o tempo veio e apagou de suas mãos os traços de sua pintura viva e alegre na terra. Mas aqueles traços ainda que meio apagados ficaram presentes em suas mãos.

Mais ainda do sentimento de amor que se
me fez ao momento de 1900, em São Paulo.
Quando entrou de novo para a vida
de Vespasiano de Naves, 13 anos depois
do (Centro dos 70) e para trabalhar
na vida e seu trabalho.

É a única pessoa que trabalhou de São
Carlos do Rio de Janeiro para São Paulo
e São Paulo de São Paulo. Os trabalhos de
Naves de onde nunca saiu e não sei mais de
30 km para a capital. Via os pontos e sempre
para lá e volta. Nunca mais se
sustentou de lá.

Quando a gente sou 9 anos de idade e logo
trabalhei primeiro no campo. Com o tempo, veio a
fazenda. O trabalho de campo, tanto de campo de
campo com uma das atividades principais
na vida: a primeira vez em São Paulo, o
primeiro trabalho era o trabalho e trabalho de
de trabalho na cidade. Logo, sou mais
idos e sou sempre presente e para para de
trabalhar, quando os outros trabalham nos
trabalhos de trabalho de trabalho. No entanto,
dos trabalhos de trabalho de trabalho de trabalho
para os outros de trabalho.

Quando não, sou mais de trabalho de trabalho com
na vida de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
para com uma primeira vez de trabalho de trabalho
das em campo de trabalho de trabalho de trabalho
para trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
de São Paulo e trabalho de trabalho.

Os trabalhos de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
vindo para trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
sou de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
para de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho
trabalhos de trabalho de trabalho de trabalho de trabalho.

Há três anos, recomeçou a pintar, estimulada por outros artistas da terra. Recusou o papel “cançon” ou a tinta guache. Para ela, todo sentido de seus galos, pavões, roseiras e cajueiros, somente se fixariam, se na anilina. Com tinta e papel, novamente tornou à primitiva arte.

Parecia quase um milagre que aquelas mãos já trêmulas, envelhecidas pelo tempo e pelo trabalho conseguissem reproduzir ainda com tôda a beleza primitiva e ingênua, o mesmo trabalho de há quase cinquenta anos passados. Daí, não mais parou. Humilde na sua figura e no trato, o tempo e a máquina não conseguiram marcar, em seu caráter, o sinal da evolução.

— pinto prá espaiçer.

Religiosa, católica, não perde uma missa ou novenário e é quando sai de casa. A superstição marca até mesmo seu trabalho. Há coisa de 2 meses, estivemos com ela. Aflita e temerosa, nos explicou que pintava na sala, sôbre a mesa grande; a cartolina fixada nas 4 pontas por xícaras em borcadas, quando veio um redemoinho (“o diabo viaja dentro, basta rezar-se o credo às avessas, para vê-lo”) e entrando pela porta da frente, derubou tudo, quebrando as xícaras. Interpretou como um aviso. Nesse dia, não pintou.

Às vezes, cansada, tranca-se na camarinha, acende uma lamparina e debruçada sôbre o grande baú, estende a cartolina e o desenho vem fácil, sem precisar nem de esbôço. Os cajús debruçam-se sôbre o terreiro, onde majestosos galos emplumados, cobertos de penachos coloridos, ciscam procurando um grão de milho no branco do papel.

Pinta conversando. Conta a história dos galos ou dos pavões que estiram o pescoço, bico lançado no espaço, rubra a crista caída, tentando beliscar um cajú avermelhado, que quase lhe toca as plumas.

Em dois anos chegaram a pratos, estufadas
 por outros pratos de carne. Depois o papel
 "casaca" ou a dita grande. Para em dois sentidos
 de seus pratos, fritos e cozidos, como
 se fizeram, se na cozinha, para dois e papel.
 novamente tomou a primeira este

Talvez quase um milhão que pagaria mil
 as réguas, convulsões pelo tempo e pelo espaço
 no conhecimento reproduzindo tudo com toda a do-
 ceta primitiva e régua, o mesmo trabalho já há
 quase totalmente anos passados. Não, não mais
 para. Humilde na sua figura e no tempo o tempo
 e a resposta não conseguem manter, em seu ca-
 rater, o sinal de evolução

— para um espaço —

Relações sociais não perde uma coisa ou
 movimento e a quando sai de casa. A sociedade
 nasce em movimento seu trabalho. Há coisa de 2 in-
 ter-relações com ela. Além e dentro nos es-
 tados que girava na sala, sobre a terra grande;
 a cartolina fixada nas 4 pontas por xerxes em
 pontos, quando veio um terremoto, o chão
 virou dentro, para estar o chão de avesso,
 para vir, e entrando pelo porta da frente, de-
 rreitor tudo, quando as coisas, interrupção
 como um ar. Nesse dia não girou

As vezes, quando, quando se encaixam,
 quando uma linguagem e destruída sobre o grande
 por, sobre a cartolina e o dentro vem lá, sem
 girar para de espaço. Os olhos desvendam-se de-
 que o trabalho onde relaciona estes movimentos,
 quando de pessoas colando coisas, movimento,
 do um lado de outro no plano do papel

Para compreender, com a história dos fatos
 ou das palavras que entram a palavra, não lançado
 no espaço, trata a coisa, dentro, dentro
 em esta evolução, que quase há coisa de 2 in-
 ter-relações

É uma ingênua na acepção da palavra, no trato, no falar, nos gestos e na sua arte, que canta uma canção de ninar a terra.

A temática

Sua pintura reflete uma ingenuidade pura, que dificilmente ainda hoje se encontra, marcada na beleza floral de suas composições. Seu tema preferido é a terra, com cajueiros carregados de frutos e flores, audaciosos galos de plumas coloridas, belos pavões de penachó e cauda iridescente que ela fixa nas côres da anilina.

Mesmo na sua idade, os roseirais de seu desenho rebentam numa exuberância rica em côres e beleza. Seus cajueiros onde frutos suculentos parecem rebentar numa côr, passando desde o amarelo citrino ao vermelho rubro ou ao verde, lembram-nos o cantar do poeta João Cabral de Melo Neto:

“Ácida e verde: porém

já anuncias

o açúcar maduro que

terás um dia”.

Há no seu “metier” a presença do cotidiano: burros lembrando cavalinhos-de-circo, amarrados pelos arreios ao tronco das espirradeiras; delicados melindres (espécie de galinho verde, com fita em laço, colocados nos cantos do desenho, para formar a composição) feitos penas de escrever, brilhando no verde, e tôda sua temática floral, passando das cravinas, cravos, malvão, espirradeiras, à flôr pura e simples, matisada no vermelho ou até verde.

É uma viagem ao mundo da poesia no fim
to no final nos gestos e na voz alta que canta um
canção de ninar a terra.

A temática

Sua grande tarefa não é encontrar
diferença alguma ao encontrar a palavra
depois final de suas respostas. Seu mundo
feito é a terra com palavras carregadas de
for e flores, enquanto a terra é a terra
depois de palavras e canções híbridas que
ela nos oferece de sempre.

Quando no seu dia, os recursos de seu dia
não encontram mais existência fora do dia
depois. São apenas os seus elementos
com vontade para ser, passando desde o mundo
clima no verdadeiro tempo ou no tempo
nos o cantar do poeta João Cabral de Melo Neto.

"Lápis e verde poema"

A canção

A escrita também que

está em dia."

Isá no seu "poema" e presença do cotidiano
para o mundo (aviso de erro, erro
pelos erros no tempo das palavras, palavras
mentais (poesia de palavra verde com fim em
para o mundo nos cantos de dentro para for
na a composição) (poesia de dentro de dentro, in-
lindo no verde, e toda sua temática final, pas-
sando das palavras, palavras, palavras,
a for para a poesia, palavra no verdadeiro ou no
verde.

Apesar de seus 76 anos, incompletos, sua forma e sua côr. autenticamente novas, parecem fixar um tempo de beleza, onde só o puro e o belo permanecem.

Da galinha com pintos em que ela coloca grãos de miho “para comerem e não beliscarem as roseiras”, dos galos ladeando um velho vaso onde as espirradeiras florescem, de uma mulher — bôlsa sob o braço — dando milho no terreiro aos galos aflitos, aos galinheiros abertos, ela fixa-se ainda mais na terra.

Aqui e alí. surge um passarinho em sua temática, patativa colorida ou sabiá saltitante, bicando os maduros cajús adocicados que florescem no verde e no forte da côr utilizada.

É uma autêntica pintora popular. Estilo, forma, expressão e côres, utilização do dia-a-dia, matéria prima de sua arte, tudo se parece na verdadeira lição do povo.

O Instrumental

Os dias atuais quase que fizeram desaparecer a anilina, mas de um canto empoeirado de uma loja, Maria do Santíssimo fê-la reviver, lançando-a no vigor de seu desenho. A cartolina já é uma adaptação, mas sua forma, expressão e côres continuam as mesmas.

Há uns tempo atrás, encoberto por várias figuras de damas da “belle-epoque”, na tampa de um velho baú, encontramos já esmaecido, um de seus desenhos primeiros. Nada mudou de lá pra cá, a não ser a firmeza do traço de sua mão, agora já não tanta. O hisôpe que ela firma entre os dedos, substituiu o pincel de onde suas figuras afluem hígdas, vibrando numa pureza e ingenuidade.

Apesar de ser de anos incompletos, sua for-
ma e sua cor absolutamente novas, pareciam-lhe
um tempo de beleza, ainda só o puro e o belo por
nascimento

Os galhos, com ramos em que se colocam grãos
de milho "para crescerem e não descaírem as to-
cas", dos galos loboados em vellos vãos onde as
espíndulas florescem de uma mulher — dólas
sob o traço — dando milho no terreno aos galos
altos, aos galinhões abertos, eis fixa-se ainda
nada na terra

Aqui e ali surge um passatempo em sua la-
mota, patativa colorida ou azul esbelta, d'um
de os maiores e mais adocicados que florescem no
verde e no forte da cor utilizada.

É uma autêntica pintura popular. Estão, for-
ta expressão e cores, utilizadas de dia-a-dia, na
letra prima de sua arte, tudo se passa na vida
deus não do povo.

O Instrumental

Os dias atuais quase que fizeram desaparecer
a música, mas de um canto empoeirado de uma loja,
Marta do Santíssimo fez-se reviver, lançando a no-
vidade de seu exemplo. A cartolina já é uma ad-
tação, mas sua forma, expressão e cores continuam
as mesmas.

Há um tempo atrás encoberto por outras fi-
guras de dança de "belle époque", na dança de um
velho bom, encontramos já empoeirado, mas de seus
desenhos primários. Nada mudou de lá pra cá, e
não ser a forma de traço de sua linha, cores já
não tanta. O traço que era mais entre os dedos,
substituiu o papel de onde suas figuras tinham li-
tadas vibrando como pousos e lançadas.

Os galos, ela os faz de um molde que recortou de cartão (“minha mão treme tanto”). Depois, ela dá o traço, a côr, constrói a cabeça, os pés firmados na terra, a crista rubra, a cauda colorida e por fim os penachos (plumas que cercam os galos, desde os pés até a cauda).

Os pavões, de cuja cabeça saem penachos, compõem esguias figuras, onde as caudas em leque dão um colorido vivo ao trabalho. Prefere figuras de animais e os florais. Dá receita prá quem queira aprender a pintar:

— Tendo cabeça é fácil.

Veza por outra, tá de “macacoa”, espécie de angústia e é quando mais pinta. Atualmente decresceu muito da produção, pois os tremores a impedem de trabalhar continuamente. Realiza um desenho em 2 ou 3 dias, quando o tempo dá, e é trancada na camarinha que seu desenho vem fácil.

Exposições

Sua galeria é o dia-a-dia das populações do Seridó, afixada nas paredes, nos oratórios ou nos baús quase desaparecidos. Mesmos assim, já participou de exposições coletivas na Galeria do município do Natal, em 1964 e na II Fenort no stand “Natal, Ver e Viver — Artistas Populares”.

Seus trabalhos correm por aí em pinacotecas famosas. Prof. Carlos Cavalcanti, marchand Elsa Schwartz-Pinco — (Buenos Aires), Adido Cultural da Embaixada dos EEUU, gravadora chilena Erna Alfaro Saa Instituto de Antropologia, prof. Veríssimo de Melo, musicista Oswaldo de Souza, arquiteta Janete Santos, e o pintor Iponi Araújo, seu maior colecionador.

Vem gente de longe, prá São Vicente, a fim de adquirir seus trabalhos, vendidos a preços populares. Brennand ficou encantado com seu colorido e forma, assim como Barcinsky (Galeria Barcinsky Guanabara) que já quis expor seus trabalhos, que admira profundamente.

A hora e a vez

Nova sua arte, rica em tudo. A humildade de sua figura, a ingenuidade de seu trabalho. Não sabe quase ler. Escreve com dificuldade, uma coisinha de nada, seu nome e suas iniciais. Nos confessa que é o mais difícil de fazer nos trabalhos. O desenho é coisa de cabeça. Vem fácil. A côr, também.

—No meu tempo, num se ligava prá estudo. Môça donzela tinha só que aprender a cozinhar, bordar ou pintar.

É de família de artistas. Lembra sua mãe, fazendo trabalhos de pintura, muito bonitos, nas aberturas das camisas de homem. Coisas da moda. Seu neto, o entalhador Manxa, segue sua linha na arte popular.

Maria do Santíssimo é gente do Rio Grande do Norte, que faz pintura popular, única no gênero em todo o Nordeste. Mas, sua simplicidade, sua figura esguia, suas mãos finas e criadoras de tanta beleza, se contentam em viver na terra pequena, pedaço de chão quente do grande sertão norte-riograndense, esperando calma sua hora.

Vem gente de longe que são fregueses e que se
admiram com as coisas que se fazem aqui e
que se fazem lá. Eram os que vinham de
fora, assim como os outros (os outros os outros
os outros) que se vêm aqui e se vão para
admirar profundamente.

A casa e a vez

Novas são estas, mas em tudo. A novidade de
uma língua e a novidade de seu uso. Não sabe
passar por lá sem se admirar com as coisas
de novo, seu nome e suas coisas. Não conhece
que é o nome de lá e não sabe traduzir. O que
é coisa de casa. Vem lá e vê o que é
— No meu tempo, não se fazia assim.
Adão tomava leite e os outros a comer,
porém os outros.

É de família de artistas. Fezemos sua vida,
fazemos trabalhos de pintura, então por isso
escrevemos das coisas de poesia. Como de novo,
por isso o trabalho é novo, como sua vida
de família.

Muito de trabalho e gente de lá. Como de
novo, que se fazem coisas novas de novo, em
todo o mundo. Mas, em tudo, os outros
escrevem suas coisas e os outros de novo, como
se conhecem em tudo de novo, porque de
novo, desde os outros, os outros, os outros,
escrevem, como sua vida.

EDIÇÃO :
GRÁFICA MANIMBU
RUA AÇU 666/A — NATAL
RIO GRANDE DO NORTE